



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

Docas de Lisboa | Um Tesouro | A Lenda do Mar Tenebroso

Docas de Lisboa e Um Tesouro com acompanhamento ao piano por HELENAH REIS

Aviso: a película do filme A Lenda do Mar Tenebroso que será hoje apresentada encontra-se com uma ligeira degradação cromática

DOCAS DE LISBOA / 1932

Realização: Mota da Costa / **Fotografia:** Aquilino Mendes / **Produção e Distribuição:** Filmes Castello Lopes / **Cópia:** 35mm, preto e branco, mudo, com intertítulos em português – preservação feita em 1985 a partir de uma cópia nitrato de época / **Duração:** 9 minutos.



UM TESOIRO / 1958

Realização, Fotografia, Montagem de Imagem e Som: António Campos / **Argumento:** António Campos (adaptação do conto homónimo de Loureiro Botas) / **Interpretação:** Clara Botas, gentes de Vieira de Leiria, Miguel Franco, Octavia de Almeida / **Colaboração:** Maria Clementina Silva (locução em versão de trabalho) / **Cópia:** 35mm, preto e branco, mudo, sem intertítulos - preservação feita a partir de uma cópia reversível 8 mm e com tratamento digital de imagem pela Cinemateca em 2021 / **Duração:** 14 minutos.



A LENDA DO MAR TENEBROSO / 1975

Realização: Ricardo Neto / **Adaptação e argumento:** Ricardo Neto, Artur Correia / **Fotografia:** Armando F. Ferreira / **Cenários:** Dorindo de Carvalho, Fernando Correia / **Produção:** Tope Filme, Corona Cinematográfica / **Cópia:** 35mm, cor, versão original / **Duração:** 12 minutos.



A Cinemateca abre os seus arquivos para uma tarde de cinema (e música) dedicada ao mar, numa sessão organizada em parceria com o projeto FILMar e o Plano Nacional das Artes, a qual apresentamos no âmbito da iniciativa “Retrovisor - Bienal de Cultura e Educação”.

O mar é o nosso grande vizinho silencioso. Fonte de inspiração inesgotável para o imaginário português, o mar é rico em histórias nascidas da coragem de quem dele subsiste, percorre, descobre e desbrava em rotas misteriosas, seja em alto mar ou mesmo em terra. As curtas-metragens que hoje apresentamos constituem também um território desconhecido, que nos levará a conhecer alguns pioneiros do cinema português do século XX. Iniciamos a nossa sessão com um filme mudo de 1932, *DOCAS DE LISBOA*, onde o realizador Mota da Costa retrata um dia na vida de um trabalhador das docas ribeirinhas. Neste filme, sempre sob uma perspetiva documental, um dia sem trabalho gerou o pretexto perfeito para uma incursão fílmica ao longo do quotidiano da vida portuária. Entre carregamentos de navios e trabalhos pesados de manutenção, descobrimos o outro lado mais leve da atividade portuária, onde crianças brincam e homens pescam com guarda-chuvas, antecipando o entardecer, à sombra da esperança de um novo dia.

De Lisboa, iremos para o mar de Vieira de Leiria, com o olhar do realizador António Campos, numa das suas primeiras obras, *UM TESOIRO*, uma história de gerações marcada pela pobreza, numa adaptação para cinema a partir do conto homónimo de Loureiro Botas. Muito em linha com a abordagem que António Campos viria a desenvolver em filmes como *A Almadraba Atuneira* (1961), *Vilarinho das Furnas* (1971) ou *Falamos de Rio de Onor* (1974), encontramos aqui uma união poderosa entre a ficção e a etnografia de salvaguarda, com uma sensibilidade tão artística quanto antropológica, abrindo novos horizontes no imaginário do cinema português. *UM TESOIRO* conflui atores e não-atores locais (Miguel Franco, no papel de dentista e Octávia de Almeida, a mulher das benzeduras), imortalizando na tela as pessoas da aldeia que, de igual modo, inspirariam os contos de Loureiro Botas. Como a maré na areia, a exalação poética de *UM TESOIRO* reside no seu realismo, capturando a memória de um país que, mesmo no século XX, encontrava-se prestes a desaparecer.

Por último, encerramos a sessão com *A LENDA DO MAR TENEBROSO*, um filme que se destaca entre as obras de animação portuguesa da década de 70 pela sua originalidade gráfica. Ricardo Neto, aqui na vertente de realizador, desenhador e animador, foi um dos talentos mais profícuos da animação nacional, com várias curtas-metragens e animações publicitárias para televisão no período pós-25 de abril. Neste filme, as viagens marítimas dos navegadores portugueses do início do século XVI lançam-nos à descoberta dos momentos finais desta sessão, também ela uma aventura pelos caminhos marinhos do cinema português. Veremos nesta lenda animada que, à semelhança do imaginário fílmico, a inspiração da musa ficará para além do tempo, como se a maré nunca a levasse.

Miguel Amaro